

# Apresentação

É com bastante satisfação que apresentamos ao leitor a mais nova edição da *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. A edição traz o dossiê Ruy Belo, com o qual pretendemos prestar a nossa homenagem, sem abandonar a perspectiva crítica, evidentemente, a um dos mais importantes poetas portugueses da segunda metade do século vinte. Nesta seção, em que contamos com a colaboração de pesquisadores de diferentes procedências, de Portugal e do Brasil, procuramos oferecer ao leitor textos com abordagens variadas, mas sempre com o olhar atento sobre a obra do autor de *Aquele grande rio Eufrates*, seu primeiro livro, de 1961, e *Despeço-me da terra da alegria*, o último publicado em vida, de 1977.

O dossiê abre com o alentado ensaio de Manaíra Aires de Athayde, no qual se reflete, segundo um viés comparatista, sobre o diálogo poético e intertextual de Ruy Belo com três importantes e fundamentais poetas brasileiros do século XX: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Como complemento, o texto “Óscar Niemeyer e o seu novo nome, 40 anos depois”, para além de comentar o poema de Ruy Belo dedicado ao arquiteto brasileiro, apresenta o fac-símile do dactiloscrito do referido poema, divulgando pela primeira vez no presente dossiê.

Em seguida, tem-se o artigo de Luis Maffei, intitulado “Ruy Belo é o ensaísta vivo que me interessa mais”, que se detém na intensa atividade ensaística do poeta de *Toda a terra*, estudado na sua faceta de leitor de poesia e estudioso da literatura em geral.

O quarto texto do dossiê é o de Leonardo de Barros Sasaki, que aborda a poesia de Belo com o foco sobre o modo como o autor trabalha poeticamente com as estações do ano, procurando apontar as suas complexas relações com a tradição, não só a da literatura, em que despontam nomes como Ovídio, Sá de Miranda, Camões, Keats e Baudelaire, pois se fala, também, de artistas plásticos, como Nicolas Poussin e Eugène Delacroix.

Já o centro do artigo de Isabella Batista de Souza são as figurações da mulher e do amor, em *A margem da alegria*, com especial interesse para a figura de Inês de Castro, cantada e decantada por tantos poetas. A ele segue o texto de Patrícia Chanely Silva Ricarte, em que se procura compreender a significação da experiência com a prosa, na obra de Belo, a qual é vista, entre outras coisas, como forma de alargamento da experiência poética, destacando-se o poema “Canto vespéral”, publicado em *Transporte no tempo*, de 1973.

Com o artigo de Wagner Moreira se encerra o dossiê. O autor se concentra na análise de *Boca bilíngue*, com o objetivo de explicitar as possíveis ligações do sujeito poético – que ali se expõe – ao ato criativo e às experiências de linguagem, em Ruy Belo sempre pautadas pela relação entre a tradição e a novidade.

Na seção VARIA, o texto de Bernardo Nascimento de Amorim propõe uma reflexão sobre três figuras heteronímicas de Fernando Pessoa, quais sejam, Bernardo Soares, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro, revisitando-as a partir das noções de “solidão e singularidade”, concebidas pelo crítico Alfonso Berardinelli em seu já célebre *Da poesia à prosa*.

Na sessão de resenhas, contamos com quatro textos. O primeiro, de Patrícia Resende Pereira, acompanha o projeto e o desenvolvimento do livro organizado pela professora Ida Alves, *Coisas desencadeadas*: estudos sobre a obra de Carlos de Oliveira, em que se apresentam artigos de Benjamin Abdala Júnior, Jorge Fernandes da Silveira e Luis Maffei, entre outros, além da própria Ida Alves. Em seguida, tem-se mais uma contribuição de Portugal, com o cineasta Nuno Costa Santos, diretor do documentário *Ruy Belo, era uma vez*, resenhando o livro de um dos filhos do poeta, Duarte Belo, que, em *O núcleo da claridade*: entre as palavras de Ruy Belo, editado em 2011, lançaria um “olhar fotográfico” sobre a poesia do pai. Publica-se, ainda, vinda de Portugal, a resenha de Manaíra Aires de Athayde sobre a mais recente antologia de poemas de Ruy Belo, desta feita organizada por Manuel Gusmão. Discutem-se, nela, as implicações da “escolha pessoal”, que, de modo mais ou menos evidente, norteou a seleção dos 61 poemas, feita por um dos mais importantes

críticos de poesia em atividade. Para fechar a seção, Edgard Pereira dos Reis comenta “*Aos meu amigos*”, ficção de Maria Adelaide Amaral, consagrada dramaturga nascida em Portugal e radicada há décadas no Brasil, cuja trama, por desenrolar-se no período da ditadura militar brasileira, propicia a composição de um amplo e complexo painel do contexto opressor da época.

De nossa parte, esperamos que o leitor faça bom proveito da edição da Revista, de maneira que ela possa atingir o seu objetivo, isto é, levar à comunidade acadêmica, e para além dela, aos interessados na cultura e na literatura portuguesas, algo daquilo que também nos interessa. Desejamos a todos uma boa leitura.

Bernardo Amorim e Silvana Pessoa.